

O PANAMERICANISMO E O BRASIL

A data de 14 de Abril representa uma das passagens mais significativas da História.

Com efeito, além do sentido de liberdade e soberania que nos proporciona, cumpre também mencionarmos o lado humano da fraternidade e desejo de harmonia geral, que a experiência dos séculos de convívio intenso lhe inculca.

É, por assim dizer, a demonstração e reconhecimento de invulgaes qualidades viris, de independência e auto-determinação, tanto quanto uma extraordinária vocação de unidade ou espírito de compreensão e cooperação espontâneas. O que, de sobejo, se verifica na vida de cada uma das nossas repúblicas. Quem quer que compulse os escritos a respeito, cedo se compenetrará da veracidade do que afirmamos.

Inspiradas pelas forças ecumênicas, de diferentes aspectos; ou ditadas pela própria indomabilidade do sangue jovem destes povos; ou ainda pela natural inclinação a dignificar-se a condição de humano, evidente em todos quantos se derem conta do valor da liberdade espiritual e física; o que é certo é estarmos em frente de algo inteiramente novo nos registros da história universal.

Realmente, sem que saíamos do terreno puramente histórico e nos embrenharmos nas selvas espessas da ciência do homem, noutros termos, persistindo na interpretação específica da mestra da vida, ainda assim, não poderemos negar a existência duma como atração dos agentes telúricos, sempre a agir no sentido da assimilação ou absorção dos elementos alienígenas, qualquer o ponto geográfico donde promanam. O conjunto dos elementos ecológicos parece mesmo amoldar à sua imagem e semelhança a matéria, até certo ponto passiva, das massas forasteiras, sem que, no entanto, lhes desdenhe a notável reação cultural, suscetível de enriquecer o conjunto, após indiscutível aculturação.

Mas, o que salta, inegavelmente, aos olhos de qualquer pessoa, é a identificação completa e eficiente do adventício com a mãe-América, em qualquer das suas regiões. Ela o recebe de braços abertos, e o acaricia, de maneira tal e tão intensamente, que ele, por via de regra, acaba por transfigurar-se, envolvido nas malhas convidativas do mestiçamento mais generalizado, ou sorvido no vórtice ergológico das neo-culturas nativas; ou mesmo, no labirinto das credences, abusões, tradições e costumes das populações americanas.

Seja como for, uma coisa daí resulta, indiscutivelmente grandiosa: o reconhecimento da unicidade do modo de ser entre o homem e a natureza exuberante do Novo Mundo. A própria história do Brasil nos poderia esclarecer, efusivamente, o que levamos declarado acima. Ninguém ignora os episódios de Stradeli, Kurt Numuendajú e tantos outros, que tanto se enamoraram da vida selvagem (sendo eles professores universitários estrangeiros) que chegaram a confundir-se com as populações indígenas. E o caso dos filhos de imigrantes que, logo, passam a considerar-se "caboclos" ou "jagunços" é mais interessante ainda.

Passando ao segundo aspecto do fenómeno americanizante no lato do termo, ou seja, a indomabilidade do sangue novo ou renovado em terras da América, sejam-nos, igualmente, lícito invocar a operosidade incessante da mais intensa miscigenação de que se tem notícia na história dos povos.

Efetivamente, decorrência ou não da própria vastidão territorial do nosso continente, com sua opulência natural em todos os reinos; ou produto de contingências históricas, provocadas pela ambição do homem branco, que cedo se esqueceu da sua consciência; o fato é que tivemos,

logo, uma crescente tolerância, em quase todos os quadrantes do continente de Colombo, em que pese a certas restrições ou prevenções, mais ou menos acentuadas nalguns estoques étnicos, mórmente do hemisfério boreal. E ainda aqui, sem que excursionemos por terras estranhas, a nossa vida histórica nos acena com inúmeros fatos, como, por exemplo, o da guerra holandesa, em que as outras raças, isto é, a indígena e a africana, souberam lutar por algo que já consideravam delas, se bem que, ainda, continuassem as perseguições aos ameríndios e a escravidão inapelável dos profícuos filhos da África. Ainda não havia decorrido século e meio de convívio inter-racial, e já as outras parcelas étnicas do nosso povo se haviam deixado arrastar pelos argumentos falazes do pretensão civilizado da Europa.

O sangue novo, a nova fé, os novos laços de parentesco, a nova culinária, os novos perigos, tudo iria aguçar o instinto de defesa e consequente espírito de coragem dos povos em confronto.

A esta altura, talvez possa parecer paradoxal que Toussaint L'Ouverture, na longínqua Hispaniola, representando africanos puros, se rebelasse contra a ordem de coisas criada pelo colono francês. Ainda aqui se não invalida o nosso asserto, porquanto, o sangue belicoso das tribus melânicas da outra banda do Atlântico, mais uma vez, se renovou, ao contacto das verdes selvas, infundindo-lhe, estas, o amor à liberdade, sem que esqueçamos, por outro lado, que também houve a miscigenação de culturas, pois o haitiano atual é francês pela língua e civilização.

Se, agora, passarmos ao terceiro elemento que milita em prol da americanização no amplo do termo, ou seja, o modo de ser e sentir a natureza americana com todos os seus agentes naturais, neles incluindo o próprio homem; veremos, de pronto, que a inata inclinação a dignificar a condição de humano, acentuada na preservação da integridade física e na valorização das aquisições espirituais, com o conjunto dos valores ditos morais, em nenhuma parte, como aqui, tem tido campo propício ou clima adequado para vicejar. Sem embargo dos tropêços e preconceitos afrontosos de outras éras — decorrência natural do espírito violento de então — mesmo assim, vamos encontrar, em mais de uma conjuntura, o ideal cristão a sobrepassar, sublime, as paixões e imperfeições humanas. Sempre houve os defensores intimoratos, a arrostar o perigo dos degredos e perseguições das almas mercantilizadas pela presa fácil ou pelo encorajamento, proveniente das atitudes dúbias dos administradores das metrópoles. Assim é que, ao lado das ações malélicas de certos colonos e protegidos das corôas, nunca perderemos de vista a obra edificante e compreensiva dos missionários, para não falarmos, novamente, na atividade permanente das forças genésicas, por sem dúvida, mais ponderáveis que as separações artificiais de classes e castas.

A religião, com os princípios sublimes do cristianismo, de sentido universal, pôde aqui operar verdadeiros prodígios, chegando ao ponto de santificar uniões profanas, dando, assim, uma visão nova, de estabilidade e respeito, aos que apenas obedeciam aos impulsos momentâneos da carne.

De qualquer modo, entretanto, a grande aproximação se realizou, imprimindo, dest'arte, aos destinos humanos novos rumos empós da fraternidade e sentimento de concórdia entre os homens. Alguém poderá objetar que, em outras passagens da história dos povos, tem havido, também, fenómenos idênticos de superação das barreiras de classe, pela união livre entre raças diferentes. A estes se poderá

(Conclue na última página)